

EDITORIAL

Publicado no ano em que a *Revista de Italianística* comemora seu trigésimo aniversário, este número reafirma o compromisso com a divulgação de trabalhos, que colocam no centro de seu interesse a língua italiana e propiciam reflexões sobre a atualidade das pesquisas nesse âmbito desenvolvidas tanto no Brasil quanto na Itália e em outros países. No caso da presente edição, o foco é a comparação entre o italiano e outras línguas: não apenas o português brasileiro, mas também o inglês, o espanhol e o alemão. Estão aqui representadas, sobretudo, análises contrastivas que se concentram em aspectos específicos das línguas e atos de fala, mas há, além disso, também temas amplamente debatidos no panorama atual da Linguística italiana, como o uso de anglicismos e a linguagem sexista.

O que todos têm em comum é a convicção de que a língua permite que as pessoas se comuniquem umas com as outras e, ao mesmo tempo, que contem histórias, escrevam poemas, construam relações e expressem seus valores e crenças, contribuindo, assim, para a criação de um repertório compartilhado que vai definindo a identidade de um grupo social e caracterizando a cultura. Por outro lado, também a cultura influencia a forma como a língua evolui, distinguindo as comunidades de falantes. Tendo isso em vista, colocar duas ou mais línguas em confronto permite identificar diferenças e semelhanças não só em nível linguístico, mas também em nível cultural, favorecendo um entendimento mais aprofundado das maneiras como pessoas de comunidades distintas percebem, refletem e agem sobre o mundo.

Organizamos os artigos partindo da perspectiva do ensino e da aquisição de línguas, em que a comparação entre sistemas linguísticos pode contribuir para o aprimoramento da aprendizagem e, especialmente quando se levam em consideração aspectos discursivos e pragmáticos, para o desenvolvimento da competência comunicativa.

Nesse sentido, o artigo “*L’influenza della lingua materna nell’acquisizione delle preposizioni semplici in italiano come lingua seconda*”, de **Elena Sharafutdinova (California State University)**, se dedica ao paradigma contrastivista e investiga a aquisição das preposições simples em italiano L2. Os participantes do estudo são um grupo de aprendizes universitários estadunidenses, metade dos quais são falantes monolíngues de inglês e a outra metade, falantes bilíngues de inglês e espanhol. O objetivo é identificar se e em que medida a(s) L1 dos informantes, em combinação com fatores como o nível de proficiência e o gênero, influencia(m) o processo de aquisição das preposições em italiano. A análise dos dados, coletados por meio de quatro tarefas distintas, mostrou que os aprendizes bilíngues tiveram um desempenho melhor, comprovando a influência da(s) L1 na aquisição das preposições na L2. Outros fatores, como o nível dos aprendizes e as diferenças de uso das preposições na L1 e na L2, também parecem influir no desempenho dos informantes, ao passo que o gênero não apresentou uma correlação significativa. A autora conclui que, no contexto das universidades dos Estados Unidos, esses resultados podem trazer implicações para o planejamento de cursos de italiano L2 que levem em consideração a L1 dos aprendizes.

O papel importante da L1 na aquisição da L2 é explorado também no artigo “*Il sistema pronominale in italiano e in portoghese brasiliano: i clitici tra le varianti di realizzazione dell’oggetto anaforico*” de **Manuela Lunati (Universidade de São Paulo/Sapienza Università di Roma)**, **Adriana Mendes Porcellato** e **Elisabetta Santoro (Universidade de São Paulo)**. As autoras começam apresentando as formas dos pronomes clíticos de 3ª pessoa em italiano e português brasileiro, destacando os fatores de complexidade nos dois sistemas, que se devem, pelo menos em parte, aos conflitos entre formas e posições concorrenciais nas variedades de cada língua: *standard*, *substandard* e *neostandard* para o italiano; norma-padrão, norma culta e vernáculo geral brasileiro para o português. Ao confrontar as línguas entre si, emergem também diferenças nas variantes de realização do objeto anafórico, especialmente quanto à disponibilidade (p. ex. o pronome nulo), à frequência (p. ex. os clíticos) e ao uso (p.ex. o pronome tônico enfático). Embora essas divergências possam representar um obstáculo para a aquisição dos clíticos em italiano por parte de aprendizes brasileiros, no trabalho destaca-se que essas dificuldades podem ser enfrentadas na sala de aula por meio da realização de exercícios específicos e do confronto entre os dois sistemas, concentrando-se não só nas formas, mas principalmente nas dimensões sociolinguística e pragmática do uso dos clíticos.

A comparação entre português brasileiro e italiano continua na perspectiva da Pragmática cross-cultural, onde se enquadra o trabalho “*Richieste in italiano e portoghese brasiliano: da uno studio contrastivo alla riflessione sull’interculturalità*” de **Elisabetta Santoro** e **Mayara Silva Neto (Universidade de São Paulo)**. Considerando que o pedido é um ato de fala consideravelmente sensível às diferenças culturais, capaz, assim, de manifestar traços distintivos de uma língua/cultura, as autoras analisam esse ato de fala, com o objetivo de identificar convergências e divergências nas duas línguas. Os dados foram coletados por meio de DCTs e a investigação leva em consideração o grau de (in)diretividade dos pedidos e as estratégias a que os falantes

recorrem para sua realização. Com a análise, observou-se que, embora compartilhem algumas características, as línguas examinadas apresentam diferenças no que tange aos elementos escolhidos para a realização dos pedidos, sobretudo quando se observam as variáveis manipuladas: “grau de imposição” e “distância social”. Além disso, as estudiosas ressaltam que investigações baseadas em *corpora* de diferentes línguas, com dados obtidos seguindo a mesma metodologia, contribuem para identificar tendências em cada uma das línguas e culturas selecionadas, o que pode oferecer *insights* para entender aspectos que envolvem as interações em perspectiva intercultural.

Ainda no âmbito da Pragmática cross-cultural, **Miriam Ravetto (Università del Piemonte Orientale)**, em seu trabalho intitulado “*‘È un complimento?’*, *‘Ist das ein Kompliment für dich?’*. *Complimenti impliciti in social network italiani e tedeschi*”, apresenta uma pesquisa inovadora, cujo foco está no confronto de elogios em italiano e alemão. A investigação partiu de interações entre jovens (15 a 30 anos) nas redes sociais Instagram e Whatsapp, onde esse ato de fala é particularmente recorrente. As análises se concentraram tanto nos elogios implícitos quanto nas respostas a esse ato e revelaram semelhanças, mas também algumas diferenças entre as duas línguas, como o maior leque de estratégias de realização do ato utilizadas pelos informantes italianos. No artigo, os resultados obtidos são também confrontados com estudos anteriores sobre o mesmo ato de fala em interações orais face-a-face, mostrando, por exemplo, que a distribuição das estratégias de realização e de resposta a elogios implícitos mudam de acordo com o tipo de interação. Esse estudo traz, portanto, importantes considerações não só sobre as diferenças cross-linguísticas e cross-culturais entre italianos e alemães, mas também sobre como a língua se adapta ao meio de transmissão.

Para refletir sobre o ensino de italiano, o artigo “*Sessismo linguistico: dagli studi di Alma Sabatini ai manuali di italiano L2/LS*” de **Simona Frabotta (Universidad de Málaga)** explora, nos livros didáticos de italiano L2/LE, o tema do sexismo linguístico, que está sendo cada vez mais debatido pela sociedade, tanto na Itália quanto em outros países. A autora parte do trabalho seminal de Alma Sabatini, publicado no final dos anos 1980, no qual são descritas e categorizadas uma série de “*dissimetriche grammaticali*”, ou seja, formas cristalizadas na língua italiana que demonstram diferenças de tratamento entre homens e mulheres, especialmente em termos de uso do masculino não marcado (p. ex. o masculino com valor genérico) e dos “agentivos” (p. ex. uso de títulos de profissões de maior prestígio no masculino). Ao analisar um livro didático de italiano L2/LE, com base nas diferentes categorias de “*dissimetriche grammaticali*”, Frabotta encontra exemplos de boa parte delas, demonstrando que, enquanto professoras/es e autoras/es de livros didáticos não promoverem uma mudança para um uso menos sexista da língua, as recomendações de Sabatini continuarão sendo um princípio reconhecido mas, infelizmente, não concretizado.

Observando ainda o uso e as transformações do italiano, mas passando para o âmbito administrativo, no estudo “*Gli anglicismi virali del 2020: le modalità comunicative di una crisi tra (pseudo)tecnicismi e italiano burocratico*”, **Vittoria Russo (Università della Calabria)** investiga o uso de anglicismos na língua italiana da imprensa e do governo no contexto da pandemia

de COVID-19. A pesquisa se desenvolveu entre janeiro e dezembro de 2020, concentrando-se especialmente nos meses em que a emergência sanitária atingiu seu ponto mais crítico. As análises foram feitas a partir de conteúdo institucional, ou seja, atos normativos publicados na *Gazzetta Ufficiale*, e matérias jornalísticas publicadas no jornal italiano *Corriere della Sera*. Os resultados revelam que muitos dos anglicismos analisados já estavam presentes na língua italiana, embora restritos a contextos específicos de diferentes setores. No entanto, em 2020, esses termos passaram a ser dicionarizados, à medida que se tornaram parte do vocabulário cotidiano. Além disso, os dados permitem entender que, apesar de o contexto institucional ter se mostrado mais relutante em adotar os anglicismos, na mídia o termo em inglês é sempre preferido em relação ao seu equivalente em italiano, o que pode tornar as informações menos acessíveis aos cidadãos, com implicações particularmente graves em contextos críticos como o da pandemia.

Por fim, em uma perspectiva distinta em relação aos dois artigos da revista que colocam em primeiro plano a comparação entre línguas, a Pragmática volta a ser a base teórica do trabalho de **Giulia Martini (Università degli Studi di Siena)**, intitulado “*La funzione anti-dialogica. Condizioni di incongruenza negli scambi di battute della poesia italiana del Novecento*”. Baseada nas trocas fragmentadas e anti-dialógicas da poesia italiana do século XX, a pesquisa abrange várias obras poéticas, desde “*Canti di Castelvecchio*” de Giovanni Pascoli (1903) até “*Composita solvantur*” de Franco Fortini (1994). Com o estudo, a autora levanta o debate sobre a questão da subjetividade lírica moderna articulada na relação entre a forma poética e o expediente dialógico. Nos resultados, observa-se que os diálogos presentes nesses textos se manifestam, muitas vezes, de forma disfuncional e não seguem uma lógica, o que cria uma impressão constante de que há um processo em andamento, uma falta de conclusão e um caráter fragmentado e desordenado.

A leitura de artigos desenvolvidos a partir de olhares, lugares e línguas diferentes poderá certamente estabelecer diálogos com os estudos sobre a língua italiana, já existentes ou atualmente em elaboração. Desejamos que essa edição seja inspiradora e incentive ainda muitas pesquisas, com o auspício de que a *Revista de Italianística* possa continuar sendo um dos veículos de divulgação desses trabalhos.

Buona lettura!

As organizadoras deste número
Elisabetta Santoro, Adriana Mendes Porcellato
e Luciane do Nascimento Spadotto